

Origem encontrada

Categories : [Reportagens](#)

Ninguém duvida que o Amazonas seja mesmo o maior rio do mundo em volume, mas pesquisadores ainda se debruçam sobre de onde vem tanta água. Ou melhor, a localização exata da principal nascente de tão grandioso rio. Oficialmente considera-se que ela fique no córrego [Carhuasanta, no Peru](#). Mas, não tão certos disso, cientistas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), da Agência Nacional de Águas (ANA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do [Instituto Geográfico Nacional do Peru \(IGN\)](#), partiram em uma expedição à Cordilheira dos Andes no final do mês de maio. No dia 2 de junho, voltaram mais convencidos do que nunca: a nascente mais provável é outra, conhecida como Apacheta.

Os cientistas ainda não podem jurar que a Apacheta seja realmente a nascente verdadeira antes de realizar medições diárias, ano a ano, para oficializar a constatação. Mas para eles, a dúvida está quase encerrada. “As imagens de satélite já comprovaram o que vimos ali”, relata Oton Barros, engenheiro do Inpe e integrante da expedição.

Desde a década de 80 o Inpe realiza pesquisas de mapeamento do Amazonas via satélite. E as imagens mostram que as nascentes são, de fato, muito parecidas. Conforme constatado na expedição, tanto a vegetação como a dinâmica das águas é a mesma em todos os córregos da região, também chamados de quebradas.

O IBGE esteve na região para instalação de dois marcos geodésicos, importantes como pontos de referência para cálculo de distâncias. E a tarefa da ANA foi realizar novas medições, mas nenhum resultado ainda foi apresentado. Eles são esperados para esclarecer uma outra questão. O Amazonas, que com sua vazão de 209 mil metros cúbicos por segundo é o mais volumoso do mundo, pode também ser o mais longo do planeta.

De acordo com dados oficiais, é o rio Nilo o mais extenso do mundo, com 6.670 quilômetros. O Amazonas vem em seguida, com 6.570 quilômetros de extensão. O trecho da nascente de Carhuasanta, localizada no monte Mismi, tem dez quilômetros, contra 54 do córrego Apacheta, no monte Queuisha. Assim, uma vez que a Apacheta seja comprovada como a mais distante da foz, a medida, sugerida pelo Inpe, ficará em 6.992 quilômetros.

Expedição perigosa

Com o objetivo de alcançar os mais de 5.500 metros no monte Queuisha, a expedição foi feita em três etapas. Nos dois primeiros dias, em processo de adaptação ao clima, os nove brasileiros e dois peruanos que integraram a viagem, entre eles o diretor de Cartografia do IGN, major Ciro Sierra, e mais uma equipe de motoristas e guias formada por cerca de 15 pessoas, subiram até aproximadamente 3.800 metros. Alguns passaram mal e ficaram no meio do caminho. Além de ter um caráter científico, a ida aos Andes foi documentada pela equipe da produtora [Paula Saldanha, que esteve anteriormente na região](#), uma das organizadoras da expedição, patrocinada pela Petrobras. Na segunda etapa subiram um pouco mais e ficaram um dia no local, até chegarem à altitude de 5.400 metros no dia seguinte, onde começa o rio Amazonas.

A região, apesar de inabitada, é acessível a qualquer turista que esteja disposto a enfrentar a altitude, consciente de que pode ter os sintomas regionalmente conhecidos como *soroche*: embriaguez, confusão mental, dor de cabeça e mal estar geral, conforme conta Barros. “No primeiro dia levei seis minutos para trocar a pilha do GPS”. Como representante do Inpe, sua função foi a de registrar imagens dos locais por onde passaram, com a finalidade de formar um banco de dados que sirva de base para futuras pesquisas. “Existem poucos estudos sobre o assunto e, com essa expedição, mostramos que temos alta capacidade de produção científica no Brasil, apesar das dificuldades para conseguir apoio”, afirma o pesquisador. Esta foi a primeira vez que pesquisadores brasileiros estiveram na região e também a primeira expedição binacional que, devido ao sucesso nos resultados obtidos, pode abrir precedentes para outras.